



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM TEMPOS ATUAIS: NARRATIVAS DE
EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA MUNICIPAL MARCOLINO SANTANA LIMA
DO MUNICÍPIO DE ICHU - BAHIA**

***LA EDUCACIÓN INCLUSIVA EN LOS TIEMPOS ACTUALES: NARRATIVAS
DE EXPERIENCIAS EN LA ESCUELA MUNICIPAL MARCOLINO SANTANA
LIMA DEL MUNICIPIO DE ICHU - BAHIA***

Engel Da Cruz Silva Lima
Discente do Curso de História
UNEB/ CAMPUS XIV
E-mail: engel.ichu@gmail.com

Jefferson Silva De Oliveira
Discente do Curso de História
UNEB/ CAMPUS XIV
E-mail: jeff.oliveirasilva@outlook.com.br

Maria Cezarela Oliveira Carvalho
Docente do Curso de História
Mestre em Educação e Contemporaneidade
e-mail: mcoaraujo@uneb.br

RESUMO

O presente artigo científico é fruto de uma pesquisa de campo realizada mediante orientação do componente curricular Educação Inclusiva, no ano de 2022, na Universidade do Estado da Bahia, ofertado pela Licenciatura plena em História. A questão norteadora do estudo foi: Como se articula a educação inclusiva no que tange aos processos de inclusão escolar de pessoas com NEE? Para isso, objetivamos a promover reflexões quanto ao paradigma da inclusão escolar no contexto atual. Como objetivos específicos buscamos compreender as aproximações e distanciamentos entre os paradigmas integrativos e inclusivos e entender como se processa os processos de inclusão na escola pública, no cenário da cidade de Ichu. Para tanto, efetivamos um estudo de campo, com foco exploratório inicial, contando com a observação participante do cenário da escola. De tal modo, que após o estudo empírico constituímos o presente texto, o qual aborda narrativas e análises do cotidiano pedagógico voltado ao desafio de incluir alunos com condições específicas na rede regular de ensino

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Inclusão, Gestão Colaborativa, Aprendizagem, Humanidade.

RESUMEN

Este artículo científico es el resultado de una investigación de campo realizada bajo la orientación del componente curricular de Educación Inclusiva, en el año 2022, en la Universidad do Estado da Bahia, ofrecido por la Licenciatura Completa en Historia. La pregunta orientadora del estudio fue: ¿Cómo se articula la educación inclusiva frente a los procesos de inclusión escolar de las personas con NEE? Para ello, pretendemos promover reflexiones sobre el paradigma de la inclusión escolar en el contexto actual. Como objetivos específicos, buscamos comprender las aproximaciones y distancias entre los paradigmas integrador e inclusivo y comprender cómo se procesan los procesos de inclusión en las escuelas públicas, en el escenario de la ciudad de Ichu. Para ello, realizamos un estudio de campo, con un enfoque exploratorio inicial, contando con la observación participante del escenario escolar. De tal forma, que luego del estudio empírico constituimos el presente texto, que aborda narrativas y análisis del cotidiano pedagógico enfocado en el desafío de incluir a estudiantes con condiciones específicas en la red de educación regular.

PALABRAS CLAVE: Educación, Inclusión, Gestión Colaborativa, Aprendizaje, Humanidad.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva, no Brasil desde a sua gênese, corresponde a uma das maiores demandas políticas que podemos conhecer na história. Desde o Império, a luta por inclusão, principalmente nas escolas públicas, é um desafio diário no cotidiano de pais, professores, gestores e toda uma sociedade que está atenta ao processo de educação para todos e todas.

O objetivo desse artigo é partilhar, com o leitor, os achados de uma pesquisa científica que versa sobre educação inclusiva com foco na prática pedagógica voltada para necessidades educativas especiais, realizada no município de Ichu, na Bahia, no ano de 2022.

O estudo partiu do seguinte questionamento: “a escola pública, ao receber os “diferentes”, inclui ou integra?” Para a realização do estudo escolhemos a escola Marcolino Santana Lima, onde fomos contemplados com a partilha de experiências pedagógicas em duas turmas, o que nos revelou importantes caminhos para a práxis educativa inclusiva.



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718**

Os processos históricos e sociais pelos quais o Brasil passou, a partir da redemocratização, suscitaram uma série de reivindicações e mobilizações por mudanças e melhorias profundas em diversas áreas. Sobretudo é, nesse período, em que ocorre os avanços mais significativos para a educação, com a promulgação da constituição de 1988 e posteriormente com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB em 1996, através destes dois documentos, a perspectiva de Inclusão e conseqüentemente a preocupação com sua exequibilidade, ganham um espaço maior nas pautas administrativas.

Hoje, mais de vinte anos depois, com todos esses avanços e com a construção de um aparato denso que garante uma educação para todos, sem distinções de raça, sexo cor ou quaisquer condições, dificuldades e obstáculos ainda são encontrados em diversas escolas brasileiras, para concretizar esses fins, sejam na questão física, na prática docente ou ainda no cerne das relações sociais entre os educandos que integram as redes de ensino.

O processo mais amplo de democratização escolar proporcionou aos espaços escolares uma maior profusão das diferenças que se expressa nos novos alunos que passaram a frequentá-los, o que demandou e vem demandando um novo tipo de escola, mais aberta, receptiva e inclusiva e de acordo com Mantoan (2003, p. 12) “Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos”, o que necessariamente implica em uma reestruturação profunda e gradual em todos os sentidos pedagógicos.

Diante dessa nova perspectiva escolar, como ocorre na prática a experiência inclusiva em uma escola pública? Através de uma visita de campo,

realizada por estudantes do curso de Licenciatura em História. do campus XIV em Conceição do Coité, bem como a experiência de trabalho de uma terceira estudante, esta do curso de Pedagogia do Campus XI, em Serrinha, levamos nosso olhar até uma escola localizada no município de Ichu para ouvir professores, pais e alunos sobre as experiências de inclusão que a escola e o município conseguem promover dentro de suas possibilidades e através de suas falas avaliar se o corpo docente e a estrutura escolar vêm se adequando a esse novo alunado. Porém, antes disso, para melhor introduzirmos nossas discussões e perspectivas, o conceito de inclusão nos é caro, para isso uma rápida olhada no artigo 58 da LDB é bem-vinda:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. §1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. (BRASIL, 1996)

Ao avaliar o texto constitucional, entendemos que o direito ao ingresso a rede regular de ensino é garantido a qualquer educando que tenha sua especificidade, e a inclusão é a condição fundamental para que esse acesso esteja de fato ocorrendo, para Mantoan (2003) a inclusão é como uma ruptura de paradigmas, que quebra preconceitos e traz mudanças positivas e necessárias para as escolas.

Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam. A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retraçando [...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (MATOAN, 2003, p. 12)

Diante de tais considerações compreendemos que no processo de inclusão o educando com especificidade deve participar do processo de aprendizado junto aos demais e dentro de suas possibilidades, parafraseando a



**REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718**

autora, a inclusão se dá quando a exclusão com aquele indivíduo específico é combatida e eliminada, o que só pode ocorrer na rede regular de ensino, inserindo-o na coletividade e no cotidiano escolar da forma mais adequada possível, posições essas que compartilharemos com o leitor mediante apresentação das narrativas e experiências pedagógicas inclusivas no município de Ichu - BA.

2 O COTIDIANO PEDAGÓGICO INCLUSIVO OBSERVADO: NARRATIVAS DAS EXPERIÊNCIAS TECIDAS NA ESCOLA

Ichu-BA é uma cidade localizada no semiárido baiano que tem origem na fazenda Enxú em 1920, ficando a 178 km da capital, sua extensão territorial é de 128 mil km² e conta com uma população estimada em mais de seis mil habitantes, relativamente pequena, a escolarização formal teve de percorrer um árduo caminho para se instalar na região, haviam com as primeiras iniciativas contundentes de construir um colégio na região partindo dos próprios moradores por volta de 1968, muitos só tinham concluído os estudos até a quarta série e por conta das difíceis condições de e pela ausência de escolas nas zonas rurais, muitos vida optavam pelo trabalho como salienta Santiago:

Durante o século XX ...na zona rural da Bahia, o processo de criação e de funcionamento efetivo de escolas ainda ocorria com pouca frequência, mesmo que, nesse período, nas maiores cidades, comece a existir um crescimento da preocupação com a escolarização da população. (SANTIAGO; CARNEIRO, 2016; SANTIAGO; LACERDA; CARNEIRO, 2019) Na zona rural, as poucas escolas que existiam funcionavam de modo precário, muitas vezes com professoras itinerantes, como atestam alguns estudos, como o de Cruz (2012), ao comprovar que, nesse período, a educação primária na zona rural da Bahia estava, em grande medida, nas mãos de leigos e, além disso, o número de

escolas não correspondia às necessidades da população baiana em idade escolar. (SANTIAGO, 2020, p.3)

Ichu, desde sempre já contava com pessoas que possuíam alguma condição, em muitas das vezes não havia diagnósticos comprovando a causa do problema e o tipo da deficiência desenvolvida pelo município, muitos eram guiados por superstições culturais que eram difundidas na época, por exemplo, “ter relações sexuais com pessoas do mesmo sangue, ou cometer alguma traição” poderiam ser motivos de causalidade. As superstições ainda são presentes em alguns fatos relatados pelas pessoas mais velhas.

Hoje em dia, a situação da cidade é bem diferente, compreendendo a necessidade de uma comunidade mais inclusiva para todos, principalmente nas escolas mais presentes na região, e o cenário de nossa pesquisa em questão é a Escola Municipal Marcolino Santana Lima localizada na sede da cidade, trata-se de uma escola do fundamental I que atende os ciclos do primeiro ao quinto ano, durante as visitas que nortearam essa pesquisa foram acompanhadas duas alunas com especificidades em salas distintas e ao decorrer da pesquisa vamos nos referir as mesmas com codinomes.

A primeira estudante (E1) tem seis anos, estuda pela manhã, está no primeiro ano e possui a condição de paralisia cerebral, estuda e devido o comprometimento de seus movimentos e fala possui a necessidade de um acompanhamento integral (o que possui), a segunda estudante (E2) por sua vez tem dez anos, está no quinto ano e estuda pela tarde, possui leve grau de Transtorno do Espectro Autista-TEA, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade-TDAH e também precisa de auxílio durante as aulas, sobre o quadro de alunos com especificidade o diretor da escola diz:

Sim, a gente tem pessoas com deficiência física e com deficiência de aprendizagem; então para isso, temos pessoas auxiliando né, temos auxiliares de turma assim como professores que passam por capacitações para que possam de fato atender essas necessidades. (Diretor da Escola, 2022)

Durante as visitas a escola, um dos pontos com que nos preocuparam, em analisar, foram as estruturas físicas do prédio, uma vez que, notamos embora que parte delas possuem plataformas acessíveis para estudantes, porém o diretor alerta, que maiores investimentos poderiam torná-las melhores, perguntado sobre o que poderia melhorar ele diz:



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

Olha, precisa melhorar mais investimentos de fato... dos recursos públicos, para essas crianças, jovens e adultos até, que a gente sabe que a modalidade da educação especial e inclusiva ela perpassa desde a educação infantil até o ensino superior, então precisamos de mais recursos, de mais apoio dos poderes públicos, assim como da compreensão da sociedade que todos e todas tem os mesmos direitos. (Diretor da Escola, 2022)

[...] Bem, a nossa escola aqui vocês vão perceber nas visitas de que tem já as rampas, as portas estão alargadas que na reforma que fizemos o ano passado priorizamos essas portas que possibilitassem a entrada de cadeirantes assim como banheiro acessível para que de fato a gente pudesse tá (sic) recebendo, incluindo e atendendo esse público com as devidas necessidades e possibilidades que eles precisam. (Diretor da Escola, 2022)

Em nosso percurso de pesquisa sobre o cotidiano inclusivo outra questão que nos proporcionou inquietações é o papel da auxiliar de turma que acompanha as duas alunas, esta profissional atual no processo colaborativo junto à docente da turma destinando seu tempo pedagógico ao acompanhamento das duas crianças observadas, ela por sua vez, nos fala um pouco acerca de certas improvisações que a direção do colégio teve de fazer em alguns espaços da escola, justamente quando transitava pelos espaços do pátio:

Deixa-me te mostrar aqui uma coisa, ô, tem rampa só em alguns locais, como a escola, a estrutura é antiga reformou, mas não é todo lugar que tem rampa; ai dificuldade a mobilidade dela ô, tá vendo aqui pra passa? a escola fez essa improvisação mas assim, não é todo lugar que tem, ai atrapalha um pouco, entendeu? A gente tem que passar com todo cuidado. (Mediadora da aprendizagem, 2022)

As narrativas compartilhadas e o processo de observação durante nossas andanças pelo prédio da escola nos leva a notar que a preocupação com a integração física é pertinente na direção escolar, há a existência de rampas que interligam-se entre os principais espaços do ambiente, bem como as portas dos

banheiros que foram readequadas, se tornando maiores para os educandos com dificuldades de locomoção e, neste aspecto, a escola, mesmo com seus déficits, consegue proporcionar a acessibilidade necessária para que todos os educandos possam estar transitando pela mesma.

Quando estamos falando de inclusão, devemos ter em mente que incluir exige suas “etapas”, e o quesito de acessibilidade é de importância primordial, é por aqui que começamos a exequibilidade de uma educação inclusiva, dando as possibilidades e meios para que os educandos estejam fisicamente presentes nesses espaços, dando a oportunidade para que esses indivíduos possam participar do processo de ensino aprendizagem, como bem salienta o diretor da escola.

Na verdade, a educação, ela tem que se preocupar com a formação integral de todos os seres humanos inclusive as pessoas com deficiência, acredito porque é um processo que você vai dar essa possibilidade de todas as pessoas participarem da formação integral, tanto as pessoas tidas como normais como essas pessoas com deficiência têm os mesmos direitos de igualdade no processo ensino aprendizagem. (Diretor da escola, 2022)

Pensando ainda nas condições físicas que a escola pode oferecer no processo de acessibilidade e inclusão dos educandos, nos vem em mente também os materiais disponíveis e usados pelos docentes, bem com as didáticas e atividades realizadas pelos mesmos em suas aulas, que abrangem na medida do possível a todos os níveis de desenvolvimento e que respeitem todas as diferenças cognitivas dentro do ambiente escolar, em meio a sua entrevista a professora Idalina nos mostrou um pouco desses desafios, da disponibilidade de materiais adaptados e as alternativas achadas por ela para poder trabalhar com (E1).

Às vezes a maior dificuldade é que a gente não tem muitos materiais para trabalhar com eles... sempre é materiais adaptados para trabalhar...” “Quando eu vou trabalhar com cores eu pego materiais recicláveis ai vou trabalhar com eles, com (E1), ela vai separando as cores; tudo simples... com tampinhas, também de iogurte, coloco as letras em cima da tampinha, pra poder ela identificar e ela ir separando as letras, o alfabeto, formação de palavras, também tenho letras móveis. Trabalho também com materiais emborrachados, com números, ai quando eu coloco números vai colocando a quantidade, letras... Ela não fala, mas ela identifica, coloca o dedinho em cima e assim, de acordo com o dedinho ela vai com a mãozinha,



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

tinha o lápis adaptado na mão dela, tinha uma proteção aí ela vai sobe, desce, ela faz; só não faz falar, mas ela entende [...] (Docente, 2022)

Isso foi identificado pelos professores e pais como uma das principais dificuldades do processo inclusivo, mas longe de ser uma ausência dos poderes públicos na oferta desses materiais, foi entendido que devido à grande diversidade de níveis cognitivos não existe um padrão de ensino e atividade que funcione com todos os educandos que tinham uma mesma especificidade e ainda especificidades distintas, logo se nota extrema a importância do papel do docente e auxiliares de turma que estão mais presentes com os jovens a maior parte do tempo e que com bastante empenho e formação conseguem construir materiais e formas mais adequadas de aprendizagem, específicas as vezes para cada docente, a professora N, em dado momento de sua narrativa nos descreve como isso implica o processo inclusivo:

[...] muitas vezes a gente não tem o material adequado, a gente sabe que os livros didáticos eles não são adaptados né, até porque cada necessidade exige um material específico, então não teria como uma editora mandar um material adaptado, digamos: esse é pro autista, esse é pra quem tem DI, então todo esse trabalho quem tem que fazer somos nós professores, então o tempo é o nosso inimigo né, a gente vara as madrugadas aí, pesquisando porque a gente não pode trazer pro aluno especial apenas mais uma atividade a gente tem que trazer algo que esteja ligado né, que esteja relacionado com o conteúdo do dia que eu “tô” dando pra os demais alunos de minha turma então incluir é aprender junto, é estar ali é...digamos, em uma mesma situação porém né, com as necessidades específicas que cada aluno tem. (Professora N, 2022)

A inclusão no município de Ichu conta com uma integração muito salutar no desenvolvimento educacional e inclusivo de jovens com especificidades, que é o trabalho desempenhado pelo Núcleo de Atendimento Educacional Especializado (NAEE), no qual acompanhando algumas sessões com as alunas

de nossa pesquisa e entrevistamos a Professora F fala a respeito do núcleo e dos materiais usados no desenvolvimento dos trabalhos:

O Núcleo de Atendimento Educacional Especializado ele é recentemente criado aqui nosso município, devido uma lei né, criada para poder atender as necessidades justamente dessas crianças que nós chamamos de deficientes, ou que tem algum transtorno ou altas habilidades de superdotação né, então ele foi criado para poder melhor atender essa demanda. Existia sempre a sala de recurso e alguns anos atrás foi pensando em um atendimento psicopedagogo e ai juntou tudo né, o psicopedagógico, o atendimento educacional especializado, que é o AEE que é oferecido pela sala de recurso [...] o papel do NAAE, o objetivo maior é ajudar na inclusão, é fazer com que aquele aluno na sala de aula ele possa desenvolver né, essa criança possa desenvolver as suas habilidades para melhor aprender, então a gente uni tudo, a gente uni o papel do emocional, da dificuldades das habilidades pra poder trabalhar com aquela criança diante daquilo que ela tem, melhor, assim vamos dizer...que ela precise para melhorar em sala de aula, para adquirir uma autonomia[...]. (Professora F, 2022)

Sobre o tempo e as pesquisas em busca de materiais voltados para as necessidades dos educandos ela diz:

[...] existe também algumas dificuldade na questão de buscar material né, material que o professor precise, o material adaptado, o melhor que o aluno precise realmente, ser elaborado, a gente precisa desse tempo para elaborar então todo material que a gente vai fazer a gente tem que fazer com mais qualidade então é um tempo muito mais dedicado a fazer, então precisa de muito mais material a pesar de que a gente tem esses recursos, apesar de que quando a gente solicita a gente acha mas o tempo de estar elaborando também é muito importante, o tempo de estar pesquisando sobre determinado jogo, sobre determinada atividade isso é também importante, as vezes a gente não tem essa demanda, a clientela é maior que o tempo que a gente pode disponibilizar para criar mas a gente vai fazendo, dando nosso jeitinho mas seria mais importante a gente focar melhor nesse nosso tempo. [...] pra gente construir a gente perde muito tempo, o nosso tempo de casa sabe, o nosso tempo de se cuidar a gente tem que estar fazendo esse material, eu acho que deveria ter um tempo destinado pra isso né. (Professora F, 2022)

Ao decorrer das narrativas, notamos que o processo inclusivo perpassa, além da formação acadêmica e especializada o autoconhecimento sobre o educando, um vínculo é criado entre os professores e os alunos, que fortalece os laços de sociabilidade e possibilita que os docentes entendam e compreendam melhor suas singularidades, sem isso, sem essa aproximação o professor(a) não tem meios de adequar sua prática, não é à toa que que o



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

trabalho de inclusão demande tempo, dedicação e conscientização, o que só se dá através da convivência dentro da diferença, talvez as declarações das professoras N e F demonstrem bem isso, começando pelos desafios da inclusão em um aspecto mais social N salienta que:

[...] falar de inclusão... ainda... ainda é meio ainda é algo assim, digamos que meio forçado, ainda não é natural né, ainda existem pessoas que acreditam que alunos com necessidades especiais deveriam estar em uma escola especial o que não é verdade né, até porque a sociedade ela não é dividida pra pessoas especiais, e pra pessoas neuro atípica, nós vivemos em uma sociedade em que todos compartilham dos mesmos espaços então, eu entendo que o que precisa melhorar mesmo e a cabecinha das pessoas, entender que inclusão é um direito e não só por ser um direito fazer essa inclusão de forma forçada, mas de uma forma natural. Espero que um dia a gente não precise mais estar falando dessa temática né de que incluir está na lei, que a LDB garante e que negar matrícula pra aluno especial dá não sei quanto de cobrança pra uma determinada escola enfim, eu ainda vejo assim a inclusão de uma forma ainda ali, meio que forçada, ainda não tá uma coisa natural embora já tenha melhorado muito, já termos avançado muito nesse sentido se você ver o censos escolares eles vem sempre aumentando o número de matrículas com alunos com necessidades especiais, isso é ótimo né mas isso não garante que esses meninos e essas meninas estão incluídos com efetividade né, agente precise melhorar muito nesse sentido.(Professora N, 2022)

Diante desses julgamentos de valor, vemos no docente o indivíduo capaz de mudar essa realidade e transgredir a essa perspectiva que normatiza a segregação entre pessoas “normais” e pessoas com “deficiência”, incluir exige acima de tudo um olhar amplo, que consiga abranger a todos, sem deixar ninguém as margens do processo de aprendizagem, complementando com a fala da Professora F:

[...] isso é incluir, não é porque ele tem uma deficiência, não é só a questão da deficiência, é a questão de todos os alunos

todos aprendem de uma forma diferente em um tempo diferente, por isso que é importante incluir não é só porque meu aluno é deficiente, a inclusão parte pra todos é para todos, “eae” a gente fica assim pensando o professor imagina muito quando vai pegar uma turma onde existem alunos com deficiência e eu digo sempre esse desafio eu sempre quero ter, porque o aluno com deficiência é quem vai me ensinar a melhorar a minha pratica em sala de aula, porque o aluno com deficiência vai me fazer eu pensar, refletir e aprender de que forma eu posso passar o conhecimento, porque ele é capaz de aprender, todos nós, todos nós somos capazes de aprender independente ou não de ter uma deficiência.(Professora F, 2022)

O protagonismo docente nas experiências inclusivas, no cenário em questão, nos ajuda a pensar sobre a importância do professor no processo de desenvolvimento de toda uma sociedade percebendo-o como um sujeito articulador de forças necessárias quando o desafio é incluir: família, profissionais interdisciplinares, gestão escolar, sujeitos atuantes no cotidiano da instituição, cujo o processo de conhecimento somado a dedicação e o desejo de fazer melhor revela os êxitos no ato educativo inclusivo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verdadeira articulação entre universidade e sociedade é um caminho inquestionável para os avanços no campo do conhecimento. Romper as barreiras entre o que dizem as teorias e poder dialogar com elas em uma experiência cotidiana, nos faz considerar que o diálogo constante com a escola é salutar em todo processo de formação do professor pesquisador.

Consideramos que é pertinente ressaltar toda uma atenção que este estudo sinaliza para as políticas públicas atuais voltadas a educação inclusiva no Brasil, citamos aqui, o cumprimento de todo um arcabouço Legal que garante, desde o espaço físico até as condições pedagógicas profissionais que assegurem a inclusão de todos os seres humanos com seu direito sagrado de aprender na rede regular de ensino.

Educação é um direito de todos, para além de uma prerrogativa Legal, esta máxima constitui um dos maiores compromissos de todos os sujeitos que se debruçam sobre as causas da educação inclusiva na contemporaneidade, destacamos aqui, o inestimável valor da gestão pedagógica colaborativa, a



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS.
ISSN: 2675-5718

participação cotidiana da família na escola, e o papel político do professor questionador e atento aos desafios inerentes a educação inclusiva na contemporaneidade.

4 REFERENCIAS

MANTOAN, Maria Teresa Eagler. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?** São Paulo: Moderna, 2003

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº. 9.394/96. Brasília, DF: Senado Federal, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf

SANTIAGO, H. da S. PROCESSOS E ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO NA CULTURA ESCRITA NO SERTÃO BAIANO (SÉCULO XX). **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 68, p. 615–647, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i68.39016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/39016>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CRENCIAIS DA/OS AUTORA/ES

CARVALHO, Maria Cezarela Oliveira, Docente da UNEB, CAMPUS de Conceição do Coité, pesquisadora da área da educação inclusiva, EJA e Multiletramentos. Membro do GETEL. Docente do Curso de História, Mestre em Educação e Contemporaneidade.
E-mail: mcoaraujo@uneb.br

LIMA, Engel da Cruz Silva, Discente da UNEB, CAMPUS XIV de Conceição do Coité, graduando em licenciatura de História

OLIVEIRA, Jefferson Silva de, Discente da UNEB, CAMPUS XIV de Conceição do Coité, graduando em licenciatura de História; Graduando em Gestão Pública pela UNICESUMAR.